

DESTAQUES DO PORTAL A TARDE



Jose de Holanda / Divulgação

Emicida é atração de hoje na Concha Acústica do TCA
www.atarde.uol.com.br/cultura

Acompanhe os times baianos no Brasileiro
www.atarde.uol.com.br/esportes

www.atarde.com.br
71 3340-8991 (Cidadão Reportér)
71 99601-0020 (WhatsApp)

EDITORIAL *Sono perigoso*

Há muito se sabe da importância de uma boa noite de sono para a saúde humana e, inclusive, o quanto o ato de não dormir prejudica a atenção, o estado de alerta, a concentração, o raciocínio e a resolução de problemas. É lógico, portanto, que não dá para combinar a atividade de dirigir um veículo com sonolência ou privação do sono, uma vez que as consequências podem ser trágicas, como demonstra pesquisa recente realizada pela Associação Brasileira de Medicina e Tráfego (Abramet).

O estudo, feito em conjunto com a Academia Brasileira de Neurologia (ABN), mostrou que 20% dos acidentes de trânsito em todo o Brasil estão relacionados ao sono. A conclusão dos pesquisadores é que a privação do sono constitui a segunda maior causa de acidentes, atrás somente das ocorrências envolvendo o uso de álcool.

Combinar a atividade de dirigir um veículo com sonolência ou privação do sono pode levar a consequências trágicas

Na Bahia, segundo a Polícia Rodoviária Federal, 184 das ocorrências registradas tiveram origem na mesma causa, resultando em 25 mortes e 34 vítimas com ferimentos graves.

Os motoristas de caminhão estão entre as maiores vítimas da privação do sono, pressionados que são pelos prazos para a entrega das mercadorias que transportam, o que os leva a apelar para o uso de medicamentos ou outros truques na tentativa de dormir o mínimo possível e ganhar tempo nas estradas. Em boa hora a Abramet e a Agência Nacional de Transportes Terrestres uniram-se à ABN para lançar a campanha

“Não dê carona ao sono”, visando orientar condutores sobre como agir para reduzir ao mínimo as chances de dormir ao volante.

Quando se sabe que o Brasil tem uma das maiores médias mundiais de acidentes no trânsito, com o registro oficial de cerca de 43 mil acidentes a cada ano, é de se louvar qualquer iniciativa que conduza à redução desta verdadeira tragédia que acontece nas rodovias do País.

Tais ações, junto com a imprescindível colaboração dos próprios motoristas e das empresas, podem fazer com que milhares de famílias deixem de lamentar as perdas que sofrem a cada dia.

SIMANCA

ERA UMA VEZ NO REINO DE MILHÕES DE CUNHAS...



S I M A N C A

Pobre Brasil!

Yvette Amaral

Professora universitária
yvettemosamaral@gmail.com

Só isto se pode exclaimar neste momento de tsunami político com consequências sociais além da imaginação. Já há muito tempo o Brasil desce a ladeira da integridade moral, da reputação política vulnerada e dos problemas sociais. Com milhões de desempregados, gerando recessão, com péssimos serviços básicos, com políticos desacreditados, sobretudo com um verdadeiro furacão de violência, o povo se debate em estertores de agonia como um doente em fase terminal. Para completar este cenário dantesco, uma bomba explode, destruindo os resquícios de otimismo e coragem existentes no coração de alguns brasileiros. A fúria do vendaval atinge o Palácio do Planalto. Somos uma pequena embarcação, apesar de país-continente, à deriva num mar encrespado, sem piloto, sem bússola e sem esperança.

Os dirigentes desnorteados se perguntam o que fazer e onde está a saída do labirinto, mas não descobrem o caminho que poderá conduzir o Brasil ao desenvolvimento, à justiça e paz social. Além de tudo essa crise acontece numa sociedade de cruel desigualdade econômica, distanciando progressivamente os ricos dos pobres. Durante o dia os mendigos imploram centavos para comprar o pão; crianças e jovens vão às sinaleiras ora se oferecendo para limpar (talvez até sujar mais) o vidro do carro, ora vendendo bagatelas para amealhar míseros reais. No decorrer da noite eles mesmos se refugiavam debaixo dos viadutos ou marquises protegendo-se do frio com jornais, papéis ou molambos. Sem esquecer que milhões desses desventurados são vencidos pela revolta, trocando sua dignidade humana pela marginalidade social. Pululam os assaltantes, os sequestradores e os homicidas. O solo brasileiro está regado pelas lágrimas dos sobreviventes e pelo sangue dos naufragos.

É impossível um resgate do desenvolvimento nos lixões da miséria que já tem passe livre nas favelas, nos mocambos e nos morros do Brasil. Temos que recomeçar a nossa civilização, de reconstruir a cidadania numa terra tão abençoada por Deus, mas tão mal dirigida pelos homens. E este recomeço só acontecerá quando for colocado o alicerce básico de qualquer processo de recuperação social que se chama educação.

Ela não vai bem entre nós. Mesmo quando a criança e o adolescente encontram vaga na escola pública, não é satisfatória a educação oferecida. Ao concluir o fundamental, não estão preparados nem para o trabalho nem para a vida. Muitos colégios fingem ensinar a estudantes que fingem aprender. Como pensarmos em um novo Brasil com novos brasileiros capazes de responder aos desafios da cidadania? Só com uma educação que resgate a dignidade do ser humano, pode-se admitir que o verde da esperança conviva com o azul da nossa bandeira.

Urbanismo como modo de vida: projeto logradOURO

Lourenço Mueller

Arquiteto e urbanista
muellercosta@gmail.com

Pouco depois das comemorações, em 25 de outubro, pelo aniversário de 130 anos de Humberto de Campos na rua que leva o seu nome – permanente sonho de urbanismo social, tendo essa rua como laboratório-piloto, um modelo a ser replicado se a democracia não implodir! –, fiquei ressentido com a quase ausência de síndicos no evento, apesar de divulgado pela mídia. E escrevi: “Vamos tentar outro formato: os moradores conectados e informados do programa “logradOURO” serão os protagonistas, os responsáveis pela dotação de sentido ao ambiente, pelo futuro dessa experiência coletiva, como devem ser os projetos em comunidade, participativos, democráticos e criativos e que transformarão a rua num ambiente autossustentável e bom de viver.

Os síndicos displicentes que me pedem, mas ‘moradores’ são cerca de mil, são maioria. E talvez todos acabem percebendo... Oder nein (ou não)!...” (“A rua Humberto de Campos”. A TARDE, 6.11.16).

Realmente tenta-se agora um novo foco: os donos de restaurantes da rua (Café Temaki, Mustafá, Rocca, Saúde Brasil; Solange Café em breve) e imediações (Fratello, DeliCia), na sua objetividade empresarial, estão se reunindo regularmente para descobrir formas e motivações polivalentes. A ideia de que o morador possa ser o protagonista e multiplicador do projeto em cada um dos prédios nos parece mais política, participativa e eficiente.

O título desse artigo e o projeto inspiram-se no famoso artigo de Louis Wirth (“Urbanism as a Way of Life”) e as propostas humanistas da sociologia urbana do século passado, nos Estados Unidos, conhecida como Escola de Chicago: os primeiros estudos das cidades combinando conceitos teóricos e pesquisa de

campo. No início do século a sociologia urbana foi quase sinônimo dessa escola, que tem no meio urbano seu foco de análise principal, incluindo o surgimento de favelas, a proliferação da violência e o aumento populacional, que ontem, como hoje são temas recorrentes do planejamento de cidades. No seu livro-guia de história do urbanismo, Pedro de Almeida Vasconcelos expressa a preocupação de Wirth com os complexos fenômenos da realidade urbana, sugerindo que podem ser analisados a partir de três variáveis: o número, a densidade e o grau de heterogeneidade da população (“Dois séculos de pensamento sobre a cidade”. Salvador: Edufba/Editus.2012).

Estuda-se agora a identidade do lugar a partir da sua origem e se desenha um modelo a ser animado com atividades socioeconômicas e culturais compartilhadas pelos condomínios e casas, agora percebidos como possibilidades de transformação dos logradouros a partir do associativismo, enfim, do encantamento de ‘estar-junto’ (Maffesoli).